



José M. da Silva
Rio de Janeiro/RJ

Quem é o leitor

Não chegou a ser um escritor de sucesso. Teve poucos livros publicados, a maioria de poemas, poucos de contos. Publicava de maneira independente e vendia os exemplares para conhecidos, amigos, em restaurantes e - processo comum na época - pelo "reembolso postal". Ocasionalmente, colocava alguns exemplares em uma livraria para serem vendidos em consignação. Chegou a ser entrevistado por uma ou duas publicações especializadas, certa vez por uma grande revista, e foi só. A venda de um livro em geral ajudava a pagar as contas por alguns meses, além de recuperar o investimento feito, complementando o que ganhava como professor. Nada mal. E nada significativo. Estamos nos anos 1980, quando ainda não havia internet e outras facilidades para ser publicado(a) ou autopublicado(a) - estamos na era do xerox.

Sua obra era variada - alguns chamariam de caótica -, visto que não seguia um padrão temático único. Em outras palavras, falava de tudo: amor, religião, relacionamentos, assuntos da atualidade, política, sexo e crítica social. Chegou a se definir como um escritor que falava sobre a vida, o que souo como um clichê, mas que era a pura verdade. Escrevia em casa, em bares, no ônibus, andando na rua, onde quer que a inspiração o "atacasse", como dizia. Embora com poucos livros publicados, produzia muita coisa. Possuía pastas e mais pastas com folhas datilografadas. Os jovens de hoje não imaginam o trabalho que dava lidar com as folhas, com o carbono, com o corretor; mesmo com as máquinas de escrever elétricas, era bem complicado. Quando, por fim, rendeu-se ao computador, digitou tudo que tinha, o já publicado e o ainda inédito. Cantabilizou mais de cem livros terminados, que jamais seriam impressos. Ou talvez fossem, vai saber.

No início dos anos 2000, reduziu bastante sua produção e interrompeu as impressões físicas, devido ao acúmulo de trabalho. Continuava escrevendo, mas muito pouco, sem pensar em publicação. Ser conhecido já se tornara um desejo longínquo e irrealizado. Conformou-se, concluindo que não fora talhado para a fama. Aposentou-se, o que lhe trouxe um rendimento fixo, embora baixo, e mais tranquilidade para ficar em casa, viajar quando fosse possível, cuidar de suas coisas sem a pressão e o compromisso do trabalho. Ministrava palestras e cursos



de curtíssima duração esporadicamente e cogitava colocar em prática alguns projetos, mas ainda não sabia exatamente quais.

Durante a pandemia, voltou a escrever mais frequentemente - talvez enlouquecidamente -, não só pelo isolamento compulsório e necessário, mas também por tudo de ruim que via acontecer país a fora em consequência de um desgoverno inepto. Passava dias e noites dando vazão a seu inconformismo, a sua revolta e sua tristeza com o que ocorria no país e em grande parte do mundo. Eram obras ácidas, críticas e bombásticas, o que sempre fora seu carromateiro. Em princípio, não considerava voltar às publicações, mas tinha o desejo de dar a conhecer o que vinha produzindo. Neste ponto, uma amiga comentou sobre publicar seus trabalhos em antologias. Achou a ideia interessante, pesquisou sobre o assunto e começou a enviar seus trabalhos para revistas e editoras. Sabia que as chances de ser lido por um grande número de pessoas e de se tornar conhecido eram mínimas, mas, como já abdicara de tal desejo, começou a participar das coletâneas por mera satisfação pessoal. Infelizmente, a maioria das publicações era paga - o que sua aposentadoria não comportava, além de certo limite -, mas havia algumas com participação gratuita. De todo modo, estava satisfeito por ter seus escritos novamente publicados.

Recentemente, reencontrou uma conhecida em uma de suas saídas durante o que evitava chamar de pós-pandemia; a rigor, a pandemia não acabara e, com o descaso típico do desgoverno que já estava finalmente de saída, tudo ainda podia descambar para novo período de grande contágio e de recolhimento obrigatório. Fazia algum tempo, ela se interessara por seus escritos dos anos 1980 e 1990. Pediu que ele escolhesse alguns poemas daquele período para ela publicar em sua revista independente de artes. A revista era especializada em diversas formas de arte - pintura, fotografia, música, escultura, literatura - produzidas por pessoas da terceira idade, mas com um diferencial: era necessária obras produzidas no século passado, quando as pessoas ainda estavam com seus trinta ou quarenta anos. Ele adorou a ideia e pediu um mês para selecionar o material e enviar para ela. A proposta não traria benefícios financeiros, mas a revista tinha ampla capilaridade e seria uma boa ferramenta para tornar seu trabalho conhecido.

Já em casa, começou imediatamente a consultar seus trabalhos antigos, e foi aí que os problemas começaram.

Estabeleceu uma dinâmica de trabalho: primeiramente, vasculharia toda sua obra; a seguir, selecionaria os textos que achasse melhores; por fim, ajustaria o que fosse necessário e afunilaria a escolha para uns dez poemas. A primeira e a segunda parte foram relativamente fáceis, embora demorassem três



dias, ao fim dos quais acabou com cinquenta poemas selecionados. O próximo passo era verificar erros de digitação, atualizar a ortografia e modificar uma ou outra coisa. Nesta fase, esbarrou em problemas que não conseguiu equacionar rapidamente.

À medida que lia o que escrevera, encontrava versos que já não estavam de acordo com seu estilo atual: muitas rimas, construções excessivamente tradicionais, versos óbvios demais, claros demais, pessoais demais, em suma, se fosse classificar tais poemas com sua visão atual, acharia todos bastante medíocres. A conclusão o deixou perplexo e decepcionado: era assim que escrevia então? Bem, avaliando o problema racionalmente, talvez pudesse modificar algo aqui ou ali, de modo a "transportar" tudo para seu estilo atual. Não era uma dificuldade intrinsecamente insuperável. No entanto, a próxima etapa seria absurdamente mais difícil de superar.

Ficou impressionado - e verdadeiramente chocado - ao descobrir versos racistas, misóginos, homofóbicos e de pensamentos à direita no espectro político. Desnecessário dizer que, hoje em dia, era exatamente o oposto de tudo aquilo. Não era possível, pensou, que a mesma pessoa que hoje execra as injustiças sociopolíticas e socioeconômicas tivesse escrito tais coisas. Seria quase impossível - senão de todo impossível - "resolver" aqueles problemas, visto que, por exemplo, um poema configura um todo artístico; ao se modificarem um ou dois versos, modifica-se a premissa, a abordagem, o tema, a construção, em resumo, o poema inteiro. É como se saísse um eu lírico e outro assumisse a composição. Modificar aquelas obras seria reescrevê-las como o homem que era hoje, como o poeta que era hoje, com tudo que pensava hoje, com sua visão de mundo atual. Era uma tarefa virtualmente infatigável.

Interrompeu o trabalho e passou dias mergulhado em uma possível solução. Essa não era, sentia, a pior repercussão do que detectara. Mais do que isso, entretanto, passava os dias - e as noites - elucubrando, em primeiro lugar, como era possível ter-se tornado alguém tão diferente daquele poeta de então e, em segundo lugar, o que fazer com toda sua produção daquela época.

Seu primeiro pensamento voltou-se para Heráclito e o fato inegável de não conseguirmos entrar no mesmo rio duas vezes; para o filósofo, a água já não será a mesma e tampouco será o mesmo o próprio ser. Sempre soubera disso, ensinara e discutira tal constatação em diversas disciplinas, entendia que tudo mudava com o tempo, mas era a primeira vez que sentia todo o impacto de ser o real o fruto da mudança. A seguir, atingiu-o a noção budista da impermanência. Percebia de modo indiscutível como estava preso à ilusão da estabilidade, à necessidade de encaixar a experiência em rótulos, encaixar-se a si mesmo e sua



obra em uma estabilidade fadada a ser desfeita pela transitoriedade do ser e das coisas. Começava literalmente a se desesperar, não mais com a escolha dos poemas para a revista nem com o prazo, mas com a magnitude de sua transformação ao longo das décadas e, mais ainda, com o destino que daria a tudo que produzira durante aquele tempo.

Três semanas se passaram e continuava envolto em um misto de surpresa, irritação e desalento. A bem da verdade, percebia um lado positivo: não ser a mesma pessoa era algo que o deixava orgulhoso. Enquanto se debruçava sobre a análise dos poemas, percebia o quanto mudara, a seu ver, para melhor. Talvez, ter hoje outra visão de mundo fosse algo meritório. O próprio questionamento, a obrigatoriedade de reavaliar o que produzira, que o levava necessariamente a se autorreavaliar em diversos aspectos, era possivelmente um indicador do quanto a tarefa era válida e produtiva. Essa era a parte, digamos, existencial do processo. Por outro lado, havia a contraparte artística. Perguntava-se o que fazer com sua obra anterior. Se já não era a mesma pessoa que a produzira, se rejeitava alguns poemas - a rigor, a palavra correta seria abominava -, se eram representativos de uma época, de um modo de pensar e, no final das contas, de um ser que não existia mais, deveria destruir toda a obra em questão? Neste ponto, sentiu vergonha ao lembrar que alguns daqueles poemas chegaram a ser publicados, estavam impressos. Era loucura, ou talvez fosse imperioso localizar todos eles e eliminá-los? Não, estava exagerando, raciocinou. O incômodo, porém, persistia: o que fazer com aquela obra que já considerava retrógrada - e não exatamente sua.

Será que outras artistas em algum momento sentiriam o que sentia agora? Um músico renegaria o que compusera antes, quando era "outro" músico? Um pintor destruiria os quadros que pintara quando pertencia a outra escola artística? O fato é que não sabia o que fazer. Seu lado racional compreendia tudo e considerava o resultado perfeitamente natural; ele mudara, os tempos mudaram, a época mudara, seus valores mudaram, sua moral mudara, sua visão de mundo mudara e sua obra mudara como resultado de toda essa mudança constante. Seu lado emocional desesperava-se, no entanto, por um lado, satisfeito com a mudança, e, por outro, em relação a que atitude tomar. Enviar ou não as obras antigas que selecionara para a revista - eis a questão que o perturbava. E mais: guardar todas as suas obras anteriores ou destruí-las?

O prazo se esgotaria em cinco dias. Sua conhecida já cobrava o envio. Ele a tranquilizou, dizendo que finalizava alguns ajustes e que cumpriria o prazo. Mentia, pois ainda não decidira se enviaria as obras ou se inventaria uma desculpa para não as enviar. Não podia explicar à pessoa todas as questões que



povoavam sua mente; afinal, ela nada tinha a ver com tudo aquilo. Era ele quem precisava resolver suas próprias elucubrações e decidir o que fazer.

Dois dias antes de vencer o prazo, tomou duas decisões importantes, ao menos em relação a sua arte. Escolheu dez poemas de sua fase antiga e dez de sua fase moderna, dois a dois, com mais ou menos a mesma temática. Colocou-os lado a lado, em duas colunas, uma intitulada "antes" e a outra, "depois". Explicou a sua conhecida que gostaria que fossem publicados assim, retratando o eu lírico de então e no que ele se transformara. Redigiu um breve relato justificando aos leitores a apresentação dos poemas naquela ordem e, caso ela desejasse, poderia escrever alguma coisa especificamente sobre as obras. Ela aprovou a ideia, visto que era exatamente o que a revista se propunha. Deixaria para os leitores decidirem se queriam algo explicativo sobre os poemas; ela o avisaria. A primeira decisão estava tomada. Aparentemente, fora correta.

A segunda decisão dizia respeito ao restante de sua obra. Deliberou que guardaria toda ela, pois, evidentemente, era representativa de quem fora o autor e a voz que a produzira. Funcionaria como um registro do antes, para futura referência. Talvez um dia a publicasse paulatinamente, com uma explicação detalhada sobre o que o levava a escrever na época e o que o incomodava agora, transformando em um longo relato essas quatro semanas de autoavaliação interior e artística. Quem sabe era um novo projeto a que se dedicar. A ver. Conversar com outros artistas de diversas modalidades sobre o assunto também poderia ser muito interessante. O resultado poderia se transformar em algo relevante. A ver.

[@josemsilvaprof](#)

